

Moro desiste da Presidência, e Doria mantém candidatura, mesmo desgastado

CAMPANHA EM EBULIÇÃO

MUDANÇA DE ROTA

Depois de garantir que não desistiria, Moro deixa corrida pelo Planalto e troca de partido

BRANCA GOMES, JULIA LINDNER, GUILHERME CAETANO E EDUARDO GONÇALVES

Quatro meses depois de ingressar no Podemos e formalizar sua disposição de concorrer ao Palácio do Planalto, o ex-ministro da Justiça Sergio Moro anunciou ontem a desistência da pré-candidatura à Presidência da República e a migração para o União Brasil, partido com o maior caixão do país, estimado em R\$ 1 bilhão. Ao comunicar sua decisão, o ex-juiz afirmou que está abrindo mão do projeto presidencial "neste momento", em que ele ocupa o terceiro lugar nas pesquisas de intenção de voto, o melhor colocado entre os nomes da chamada terceira via.

Horas após a oficialização da entrada de Moro no União Brasil, seus novos correligionários já adiantaram que ele deverá se lançar a deputado federal por São Paulo, estado em que o ex-ministro assinou sua ficha de filiação e para onde mudou seu domicílio eleitoral. O ex-juiz da Lava-Jato deixa o páreo presidencial mesmo depois de ter rechaçado em diversas ocasiões a possibilidade de fazê-lo. A última delas ocorreu três dias atrás, durante um almoço na Associação Comercial do Rio.

— Não posso renunciar à minha candidatura para alguém que tem 1% ou 2% nas pesquisas, quando a gente tem lá 10%, 9%, 8% a depender das pesquisas. Não tenho essa vaidade, mas tenho o sonho de mudar o país — justificou o ex-juiz, que um mês antes já havia dito: — Vou até o fim, alguém precisa falar a verdade em 2022.

EXIGÊNCIA ACEITA

Alguns dos integrantes do Podemos mais próximos a Moro afirmam que, embora hoje ele esteja formalmente fora da disputa pela Presidência, o ex-ministro ainda não abandonou a ideia de chegar ao Planalto.

— Ele comunicou agora que vai se filiar (ao União) na busca de uma estrutura maior para tentar viabilizar a candidatura à Presidência. Essa é a razão da mudança, tentar abrir espaço nessa discussão do centro democrático que bus-



Reviravolta. Moro migrou do Podemos para o União Brasil: integrantes do seu novo partido divulgaram que ele disputará uma vaga na Câmara dos Deputados

ca convergência — disse o senador Alvaro Dias (Podemos-PR), ao GLOBO.

A desistência da briga pela cadeira mais importante da República foi uma condição imposta por lideranças do União Brasil para aceitar Moro no partido. O recado foi dado formalmente, horas depois de vir a público que ele estava a um passo de fechar com a legenda, criada recentemente a partir da fusão entre o DEM e o PSL. Em nota oficial distribuída à imprensa, essa ala da sigla afirmou que o ex-magistrado seria bem-vindo, mas avisou: "Não há hipótese de concordarmos com sua pré-candidatura presidencial pelo partido". O documento é assinado por nomes como o ex-prefeito de Salvador ACM Neto; o governador de Goiás, Ro-



Ata. Moro exhibe ficha de filiação ao União Brasil com o deputado Bazzella (SP)

naldo Caiado; e o senador Davi Alcolumbre (AP).

Moro deixou claro que, não só entendeu o recado, como aceitou a exigência. Na nota oficial por meio da qual anunciou seus novos planos, o ex-ministro escreveu: "A troca de legenda foi comunicada à direção do Podemos, a quem agradeço todo o apoio. Para ingressar no novo partido, abro mão, neste momento, da pré-candidatura presidencial e serei um soldado da democracia para recuperar o sonho de um Brasil melhor".

Moro, contudo, não confirmou a informação divulgada por outros membros do União Brasil, como o deputado Alexandre Leite (SP), de que disputará uma vaga na Câmara federal. No seu comunicado, ele frisa que aceitou o convite para reforçar a legen-

da e "facilitar as negociações das forças políticas de centro democrático em busca de uma candidatura presidencial única". Para aliados do ex-ministro, na nova casa, Moro vai continuar articulando dentro e fora do partido para encabeçar essa candidatura única que ele próprio cita.

ISOLAMENTO NO PODEMOS

Ao deixar o Podemos, Moro relatou a pessoas próximas que se sentia "boicotado". Parte significativa de seus correligionários defendia que a legenda abrisse mão da candidatura à Presidência para priorizar a eleição de deputados e senadores. A cizânia passa pelo caixa da sigla, que dispõe de aproximadamente R\$ 200 milhões.

Embora publicamente defendesse a candidatura de Moro, a presidente do Podemos, deputada Renata Abreu (SP), admitia a colegas do partido que a estratégia poderia prejudicar a sigla, que corria o risco de chegar em 2023 com uma campanha presidencial fracassada e uma bancada federal diminuta. No final da noite de ontem, Renata acusou Moro de sequestrar ter comunicado sua decisão ao Podemos, ao contrário do que afirmou o ex-ministro.

Diante da resistência interna, o ex-juiz tentou erigir pontes fora do Podemos. Nos últimos dias, ele procurou outros integrantes das forças de centro na tentativa de amellar apoio. Moro ligou para a senadora Simone Tebet (MS), pré-candidata ao Planalto pelo MDB, e defendeu que ele seria o nome ideal para encabeçar uma chapa que aglutinasse os demais quadros da terceira via. Argumentou que, nesse campo, era o melhor colocado nas pesquisas.

Tebet afirmou que havia outros critérios importantes além das pesquisas, como o tempo de TV e o tamanho do fundo partidário de que dispunha cada candidato.

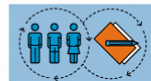
Disse ainda que, para conquistar os demais postulantes da terceira via, o ex-ministro teria que aceitar as regras do jogo decididas coletivamente e até abrir mão da sua candidatura.

EM CINCO MESES, CANDIDATURA DEU SINAIS DE QUE RESISTIRIA

Os movimentos de Moro para concorrer à Presidência



FILIAÇÃO AO PODEMOS
O ex-ministro Sergio Moro se filiou ao Podemos, em novembro do ano passado, para disputar a Presidência da República.



MONTAGEM DE EQUIPE
O ex-juiz escolheu o publicitário argentino Pablo Nobel como marqueteiro de sua campanha e anunciou Alfonso Pastore, ex-presidente do Banco Central, como conselheiro na área econômica.



PODCAST
Na tentativa de se aproximar dos eleitores mais jovens, o presidencial do Podemos lançou um podcast, o "De Moro", mas só teve um episódio.



CARTA AOS EVANGÉLICOS
Em uma "carta para os cristãos", Moro assumiu 14 compromissos, entre eles garantir que as instituições religiosas, como igrejas e templos, continuem sem pagar impostos.



VIAGENS
O ex-juiz fez uma série de viagens pelo Brasil com o objetivo de conquistar apoio para sua campanha presidencial.



REAFIRMAÇÃO DO PROJETO
Moro descartou diversas vezes a possibilidade de desistir da disputa ao Planalto. "Não posso renunciar à minha candidatura para alguém que tem 1% ou 2% nas pesquisas", disse ele na última terça-feira.



Anúncio. O agora ex-governador de São Paulo João Doria e o vice Rodrigo Garcia, que assumiu o cargo e concorrerá em outubro à sucessão: oscilação quanto à pré-candidatura do presidente, gerou mal-estar dentro do PSDB

Doria hesita, mas afirma que concorrerá ao Planalto

Ex-governador de São Paulo provocou intensa movimentação nos bastidores ao ensaiar que ficaria no cargo e desistiria da eleição à Presidência; decisão poderia inviabilizar candidatura do vice Rodrigo Garcia à sucessão e implodir o PSDB no estado

SÉRGIO ROXO E IVAN MARTÍNEZ-VARGAS politic@globo.com.br www.globo.com/brasil

Após um dia de intensa movimentação de bastidores, e algumas reviravoltas, o agora ex-governador de São Paulo João Doria (PSDB) confirmou ontem a renúncia ao cargo para a disputa da eleição presidencial. Com isso, o vice Rodrigo Garcia (PSDB) assume o posto e se consolida como o pré-candidato do partido para a sucessão no estado.

Foi o desfecho de uma jornada de muita especulação, após o mundo político ser sacudido no início da manhã pela informação de que Doria pretendia desistir da candidatura à Presidência para permanecer no governo paulista. Se tivesse sido realmente tomada, a decisão teria potencial para causar uma implosão no PSDB, com efeitos colaterais em outros partidos. A nível estadual, decretaria o fim do sonho de Garcia de concorrer ao governo. Quadro histórico do DEM (ex-PFL), ele migrou ao PSDB com a promessa de que sairia candidato com apoio de Doria. Assessores presenciaram uma conversa rápida entre os dois, no momento em que Garcia foi comunicado da mudança de planos.

A pretensão intencional de Doria com o "cavalo de pau" seria escapar da articulação de parte do PSDB — leia-se aqui as correntes tucanas comandadas pelo deputado federal Aécio Neves (MC) e pelo se-

nador Tasso Jereissati (CE) —, que quer trocá-lo pelo ex-governador gaúcho Eduardo Leite como o candidato do partido na eleição de outubro. A combinação de um percentual baixo nas intenções de voto, de 2% e uma rejeição elevada, que chega a 30%, vem ampliando o desgaste interno de Doria.

Entre a noite de quarta-feira e a manhã de ontem, ele foi procurado por vários aliados e membros do partido, além de ter sido convencido pelo seu marqueteiro, Daniel Braga, a manter o projeto eleitoral e renunciar ao governo de São Paulo.

Por volta de meio-dia, o presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo, entrou no circuito e divulgou uma carta para reafirmar o apoio da legenda à candidatura de Doria à Presidência. O documento serviu para conter, pelo menos momentaneamente, o movimento de caciques tucanos em favor de Leite. Na sequência da divulgação da carta, Doria se reuniu com Araújo e alguns aliados. Nesse encontro, ele concordou em manter, ao menos por enquanto, sua pré-candidatura ao Planalto.

CARTA DEU RESPALDO

Ao fim do evento no Palácio dos Bandeirantes, no qual anunciou sua decisão, Doria admitiu que as movimentações erráticas de ontem tiveram mesmo o objetivo de arrancar um respaldo mais claro do PSDB. Segundo ele, sinaliza uma eventual de-

AS IDAS E VINDAS

Quarta-feira, 30 de março

21:00
Em jantar com aliados, João Doria se despediu do cargo, agradeceu os secretários e criticou outros presidentes, como Lula e Bolsonaro. Duas horas depois, foi ao ar um artigo no jornal "Folha de S. Paulo" em que ele se despedia e listava feitos da gestão.

Ontem

06:40
As primeiras notícias da desistência de Doria na corrida eleitoral começam a ganhar repercussão, com destaque nos principais veículos de comunicação.

08:43

Contrariado com a desistência de Doria da disputa ao Planalto, Rodrigo Garcia, vice-governador paulista e pré-candidato ao Palácio Bandeirantes, afirma a aliados que mantém o plano de deixar a Secretaria de Governo. Com o novo cenário, ele cogita deixar o PSDB.

10:00

Em entrevista à "Folha de S. Paulo", a primeira-dama, Bia Doria, afirma que a desistência do marido de concorrer à Presidência foi recebida como um "grande alívio" e que quer tê-lo de volta em casa.

11:00

Após o caos gerado no PSDB paulista ao longo da manhã, membros do partido começaram a atuar como "bombeiros" e passam a informar que acreditam na possibilidade de convencer o tucano manter a candidatura à Presidência.

12:30

O presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo, divulga uma carta em que afirma que o partido vai respeitar o resultado das prévias realizadas em 2021, em que Doria foi escolhido o candidato do partido ao Planalto.

14:30

Um almoço entre Doria e Garcia marca a tentativa de "reconciliação" entre governador e vice. Ao término do encontro, um acordo parecia ter sido estabelecido entre ambos, apontando para a eventual decisão de retorno da candidatura de Doria à Presidência.

16:30

Em entrevista coletiva, Doria elogiou o seu vice e também Bruno Araújo. Com um discurso exaltando as conquistas do estado durante o seu governo, Doria deixou o cargo e anunciou sua pré-candidatura à Presidência.

sistência da candidatura à Presidência e a permanência no governo paulista foi "estratégia que faz parte da vida política".

— Eu sentia a necessidade de ter um apoio explícito do meu partido, que foi dado pelo Bruno Araújo, presidente nacional do PSDB. Uma carta incontestável, agora não dá para nenhum outro imaginar que pode surrupiar ou pode golpear as prévias do PSDB. Prévias significam democracia. Agora estou tranquilo.

ALFINETADA EM LEITE

Questionado sobre o futuro clima no PSDB com a manutenção de sua pré-candidatura e, ao mesmo tempo, a permanência de Eduardo Leite, Doria afirmou que o governador gaúcho:

— Eu tenho respeito por ele, mas ele tem que entender que democracia tem regras. Não é a regra que ele quer, a que ele deseja para o seu bem. É a regra de que ele participou e perdeu. Você não pode imaginar o perdedor, para ocupar o lugar do vencedor, golpeando o vencedor. Eu espero até que o Eduardo tenha consciência, na sua juventude, de que ele precisa ter postura, precisa ter equilíbrio, não pode ter esse ansioso de golpear ao lado de outros que têm esse sentimento.

Doria venceu as prévias realizadas em novembro pelo PSDB, após derrotar Eduardo Leite e o ex-prefei-

to de Manaus Arthur Virgílio. Desde então, seu nome não decolou nas pesquisas de intenção de voto: teve 2% no último Datafolha, divulgado na semana passada.

Durante seu discurso no evento de ontem no Palácio dos Bandeirantes, o ex-governador de São Paulo procurou elogiar Garcia, também presente ao encontro com os prefeitos.

— Rodrigo foi nosso CEO, como dizem os americanos. Ao longo desses três anos e três meses, São Paulo teve o privilégio de ser governado por dois governadores — declarou Doria no palco.

Sorridente na solenidade, sem deixar transparecer o caminho tortuoso que o levou até aquele momento, Garcia retribuiu a gentileza:

— Hoje nós estamos chegando ao final de um ciclo, mas ninguém está aqui para dizer adeus, estamos aqui para te dizer um até breve, porque nós sabemos a importância, para o Brasil, daquilo que você fez em São Paulo e fará pelo Brasil.

Agora pré-candidato à Presidência — pelo menos até que um novo capítulo dessa disputa seja iniciado —, Doria procurou também

imprimir uma pauta mais nacional em suas declarações. Assim, fez ataques ao governo Jair Bolsonaro (PL) e às gestões do PT. Por outro lado, também estendeu a mão para a terceira via e falou na construção de uma "frente ampla".

ANÁLISE

Tucano se desgasta com Garcia e tem garantia apenas momentânea

SÉRGIO ROXO E RENATO ANDRADE politic@globo.com.br www.globo.com/brasil

Apesar de ter sido propagada pelo ex-governador João Doria como um trunfo para que não seja retirado da eleição presidencial, a carta assinada pelo presidente do PSDB, Bruno Araújo, é vista dentro do partido apenas como uma garantia momentânea. Na avaliação de aliados, o documento terá, no futuro,

apenas o poder de criar um constrangimento extra para Araújo, caso Doria seja forçado por caciques a desistir de disputar a Presidência em favor do ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite. Mas, além disso, não haveria outro efeito prático. Uma liderança partidária com bom trânsito entre as

legendas de centro diz que o gesto fez com que o ex-governador paulista angariasse ainda mais antipatia em sua sigla, no União Brasil e no MDB. Ou seja, a dificuldade que Doria enfrenta para atrair partidos aliados deve aumentar.

O episódio ainda desgastou a sua relação com Rodrigo Garcia. Ao fim do evento de ontem, aliados de Doria tentaram emplacar a versão de que a manobra de ameaçar permanecer no cargo havia sido combinada com o novo governador. Mas quem acompanhou os embates garante que Garcia foi pego de surpresa e ficou bastante irritado.

Diretamente interessado no movimento de Doria, Leite manteve ceticismo em relação à desistência ao longo do dia. Aliados do gaúcho, porém, acreditavam que, caso o movimento se consolidasse, seria a chance de firmar um acordo para a formação de uma chapa de Leite e Simone Tebet (MDB). Eles firmariam a aliança e adiariam para o futuro a definição sobre quem disputaria a Presidência e quem ficaria com a vice. A ideia era juntar ainda União Brasil, Podemos, Cidadania e Novo em torno da chapa. Doria se valeu do peso histórico que o estado de

São Paulo tem para o PSDB para conseguir a carta de Bruno Araújo. Ao ameaçar desistir da disputa pelo Planalto e não entregar o comando do estado a Garcia, ele sabia que ficariam reduzidas as chances de o partido vencer a eleição paulista em outubro.

O novo governador de São Paulo nunca disputou uma eleição majoritária e conta com a visibilidade do cargo para entrar em uma disputa que promete ser dura contra o ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos), o ex-prefeito Fernando Haddad (PT) e talvez o ex-governador Márcio França (PSB).

Foi São Paulo que manteve a força do PSDB nos últimos anos, mesmo com o fiasco de Geraldo Alckmin na eleição presidencial de 2018. O partido governa o estado de forma quase ininterrupta há 27 anos. Caso Doria realmente se consolide como candidato, será a quarta vez em 16 anos que um tucano se vale do trampolim do governo paulista para entrar na disputa pelo Palácio do Planalto.

Os caciques tucanos reconhecem que, mesmo com Leite, a chance de vitória na eleição presidencial seria pequena. Por isso, manter São Paulo é fundamental para o futuro do PSDB.

CAMPANHA EM EBULIÇÃO

Leite aposta em pressão de aliados para se viabilizar

Gaúcho reconhece que pré-candidatura de Doria tem legitimidade alcançada nas prévias, mas defende que terceira via defina um nome único. Segundo seu entorno, ele continuará as articulações para se tornar presidenciável

MARCELO RIBEIRO E RAFAEL DI CUNTO*
JORNALISMO POLÍTICO
PORTAL VEJA ONLINE

Com a desistência de Sergio Moro (União Brasil) de concorrer ao Palácio do Planalto e as dúvidas que pairavam sobre a pré-candidatura de João Doria (PSDB) até a tarde de ontem — quando ele finalmente confirmou a corrida à Presidência —, Eduardo Leite (PSDB) passou o dia sinalizando que ainda está no jogo e não desistiu de disputar a vaga de candidato do partido com o ex-governador paulista. Aliados do gaúcho avaliam que ele apostará as fichas na pressão externa de outras legendas para ser escolhido como presidenciável nos próximos meses.

Leite, que renunciou ontem ao cargo de governador do Rio Grande do Sul,

voltou a defender que o PSDB e os demais partidos conversem ao longo das próximas semanas para encaminharem a definição do nome que representará o arco de legendas na disputa presidencial para construir um projeto que rompa a polarização entre o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

— Vou me dedicar à construção de um projeto alternativo para o Brasil ter serenidade, paz, tranquilidade, e sair do enfrentamento de uns contra os outros. Temos ao nosso lado lideranças políticas que conhecem nosso trabalho e que me respeitam. Temos que buscar somar forças — disse Leite, após participar de cerimônia de assinatura do contrato de construção

do Hospital de Pronto Socorro Regional de Pelotas. — Esse apelo, esse chamado (de uma ala do PSDB) para que Leite concorra à Presidência) me sensibiliza, mas insisto que uma candidatura precisa ser de muitas mãos, muitas forças políticas.

PRESSÃO EXTERNA

O gaúcho reconheceu que Doria “tem a legitimidade da pré-candidatura alcançada nas prévias, mas tem também o espírito de buscar construção de convergência”.

— É o meu espírito, é o dele e tenho certeza que será das lideranças políticas do PSDB e de partidos desse mesmo campo. Uma candidatura presidencial não é pessoal, não é movida por aspiração individual. Tem que ser coletiva, tem que ser construída

com um grupo política.

Aliados do ex-governador do Rio Grande do Sul avaliam que lideranças de partidos que vão compor com o PSDB na corrida nacional, como o MDB, o União Brasil e o Cidadania, já deram demonstrações de simpatia por uma eventual candidatura de Leite ao Planalto. Um argumento para sustentar a tese é que o grupo entrou em campo para evitar a saída do gaúcho do PSDB. Em outra frente, Leite continuará trabalhando para ampliar a adesão ao seu nome entre quadros da sigla tucana.

Fora do comando do Palácio Piratini, Eduardo Leite deve se dividir entre Porto Alegre e São Paulo, onde terá um “QC” com o objetivo de esvaziar o apoio interno às pretensões eleitorais de Do-

ria. Além disso, se dedicará a viagens pelo país para se tornar um nome mais conhecido e avançar em futuras pesquisas de intenção de voto.

Em caráter reservado, integrantes do grupo pró-Leite classificaram como “tiro no pé” os movimentos de Doria — a ameaça de permanecer no governo e desistir da pré-candidatura ao Planalto — para forçar o presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo, a sair em defesa do resultado das prévias.

RETA FINAL

A oscilação na reta final do prazo de desincompatibilização é apontada como “ponto de fragilidade” da pré-candidatura do paulista, e isso deve ser explorado por Leite durante as negociações para ser o nome escolhido para corrida nacional. Uma liderança tucana

alinhada a Leite afirmou que, após dizer a aliados que permaneceria no cargo de governador, Doria foi pressionado para que mantivesse o plano original e, desta forma, não prejudicasse o plano do vice-governador, Rodrigo Garcia, de disputar a sucessão. “Não há o compromisso com a candidatura dele até o fim, e ele (Doria) deve perder ainda mais espaço dentro do partido”, avaliou o interlocutor de Leite.

Reservadamente, os aliados do agora ex-governador gaúcho também comemoraram a desistência de Sergio Moro de concorrer ao Planalto. A leitura é que ele tem mais condições do que Doria de herdar o apoio que até então estava depositado no ex-juiz, já que tem um índice menor de rejeição entre os eleitores. (*Do Valor)

O PANORAMA DA TERCEIRA VIA

EDUARDO LEITE

PRÓS

O gaúcho, que oficializou ontem sua renúncia ao governo do Rio Grande do Sul, busca herdar a candidatura do PSDB postando em apoios internos, de alas do partido insatisfeitas com Doria, e de outras siglas da terceira via. Leite é visto com simpatia por integrantes do União Brasil e do MDB, além do PSD, que não tem participado de conversas por uma convergência, mas chegou a convidar o gaúcho para se filiar. Nas pesquisas, um dos principais trunfos de Leite foi a rejeição relativamente baixa, de 14%, já sendo conhecido por metade do eleitorado.

CONTRAS

Na última pesquisa Datafolha, Leite teve 3% das intenções de votação na região Sul, seu recuo eleitoral, quando teve seu desempenho medido contra as pré-candidaturas de outras siglas. O desempenho foi numericamente igual ao de Doria na região em cenário semelhante, o que lançou dúvidas sobre o potencial de crescimento do gaúcho frente ao colega. Além disso, pesa contra ele o fato de o PSDB ter reafirmado ontem, em carta endereçada a Doria, que respeitará o resultado das prévias.



JOÃO DORIA

PRÓS

Doria pode usar na campanha o fato de a CoronaVac, primeira vacina aplicada no Brasil, ter sido desenvolvida pelo governo de São Paulo, além de dados do crescimento econômico do estado. Uma eventual corrida ao Planalto teria à disposição partidos R\$ 315 milhões que o PSDB deve ter de fundo eleitoral. Doria registrou seu melhor desempenho, segundo o Datafolha, no estrato mais rico do eleitorado. Com 2% das intenções de voto gerais, ele chegou a 5% na faixa dos que têm renda superior a dez salários mínimos. O segmento com maior entrada de Doria é justamente o que terá uma fatia de 10% de eleitorado “grito” com a saída de Moro, o que abre a possibilidade de um avanço do tucano.

CONTRAS

Segundo o Datafolha, 30% dos eleitores rejeitam Doria, que já é conhecido por cito em cada dez entrevistados — uma combinação que torna desafiador o crescimento. O cenário interno também é turbulento: além de Eduardo Leite ainda se colocar como um nome, lideranças como Aécio Neves (MG) e Tasso Jereissati (CE) defendem alternativas. As idas e vindas de ontem criaram um clima de desconflância também com o agora governador Rodrigo Garcia.



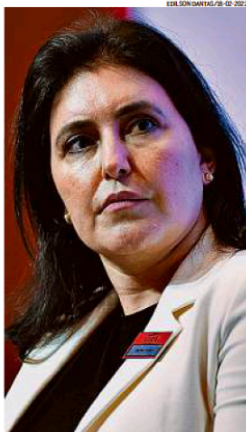
SIMONE TEBET

PRÓS

A senadora do MDB tem, assim como Leite, bom trânsito com lideranças de partidos da terceira via que buscam uma candidatura presidencial única, como União Brasil e PSDB. Tebet tem a menor rejeição entre os pré-candidatos já apresentados por esse conjunto de siglas, com 12%. Conta ainda a favor da emedebista o fato de seu partido ser tradicionalmente o mais capilarizado, com grande contingente de parlamentares e a maior rede de prefeitos pelo país: foram mais de 770 eleitos no último pleito municipal, em 2020.

CONTRAS

Em que pese a baixa rejeição, Tebet apresenta uma elevada taxa de desconhecimento do eleitorado. Segundo o Datafolha, mesmo com a notoriedade da CPI da Covid no Senado, na qual Tebet teve postura atuante, ela é conhecida por apenas 30% dos eleitores, dentre os quais só 3% dizem conhecê-la “muito bem”. Os números, além de lançarem um desafio para a campanha, trazem incerteza sobre um eventual avanço de sua rejeição, algo habitual quando candidatos se tornam mais conhecidos.



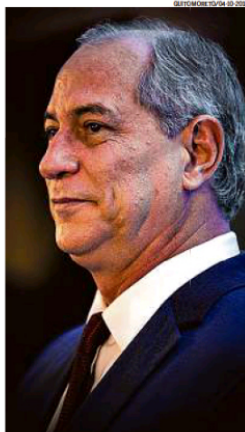
CIRO GOMES

PRÓS

O pedetista é o nome da terceira via com o maior palamar de intenções de voto, e com desempenho estável, ao redor de 8%, com variações dentro da margem de erro. Segundo o Datafolha, Ciro é um dos únicos — o outro era Sergio Moro, que retirou seu nome da disputa — a atingir dois dígitos em alguns segmentos. No caso de Ciro, isso ocorre entre eleitores com ensino superior, onde chega a 11%, e numa faixa anterior ao topo da pirâmide de renda, formada por aqueles com remuneração familiar de cinco a dez salários mínimos, onde ele alcançou 12%.

CONTRAS

A taxa de rejeição do pré-candidato do PDT, embora não seja das mais altas, chegou a 23% na pesquisa Datafolha de março, acima de outros nomes que tentaram se viabilizar em alternativa a Lula e Bolsonaro. Outro empecilho é a dificuldade para crescer no Nordeste, região de seu recuo eleitoral, o Ceará, e onde o pedetista atua, como ministro, no projeto de transposição do Rio São Francisco. Diante da concorrência de Lula, o mais forte na região, Ciro não passou de 7% na última pesquisa.



OUTRAS DESISTÊNCIAS NO BLOCO

Nomes cotados para tentar romper a polarização entre Lula e Bolsonaro que já desistiram da eleição presidencial

* Ele pretendia disputar pelo Cidadania, mas deixou o partido



Luiz Henrique Mandetta
(UNIÃO BRASILEIRO)
ex-ministro da Saúde



Rodrigo Pacheco
(PSD-MG)
presidente do Senado



Alessandro Vieira
(PSDB-SE)
senador*

Editoria de Arte

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política **Página:** 4,6 e 7